

O IMPACTO FASCISTA NO IMAGINÁRIO ADOLESCENTE: reflexões a partir das experiências em estágio supervisionado

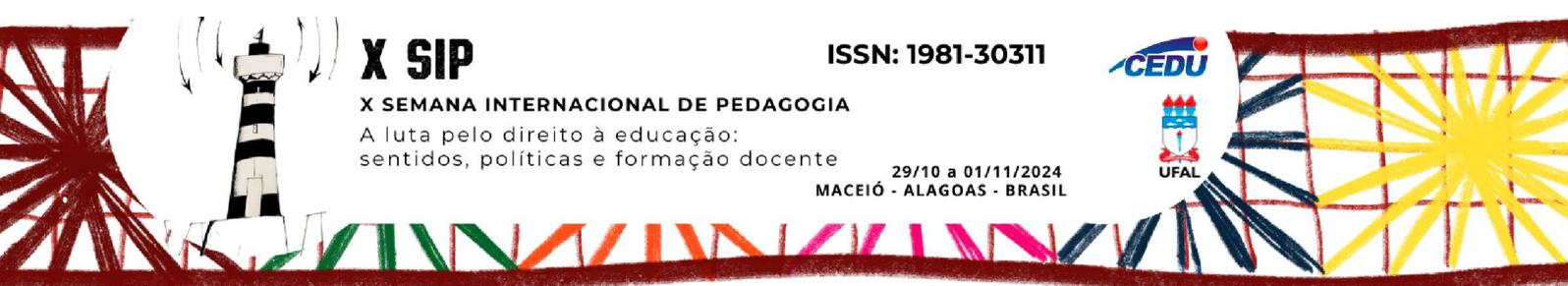
João Vitor Romão de Castro
UFAL
castrovitor922@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa refere-se a um estudo sobre o impacto fascista no imaginário de jovens em idade escolar. A temática surgiu a partir das observações feitas durante o período de Estágio Supervisionado Obrigatório. Assim, no decorrer das observações realizadas nas aulas de História da turma do terceiro ano do Ensino Médio em uma das escolas públicas da cidade de Maceió no estado de Alagoas percebeu-se, através de algumas falas vindas de estudantes, a presença de um conteúdo conservador e de viés de extrema direita. Nesse sentido, deve-se considerar que as relações sociais no espaço escolar estão sofrendo rápidas mudanças ao passo que as informações no âmbito virtual ganham os mais diversos sentidos em tempo cada vez mais veloz, como bem nos alerta Circe Bitencourt (2023):

A escola sofre e continua sofrendo, cada vez mais, a concorrência da mídia, com gerações de alunos formados por uma gama de informações obtidas por intermédio de sistemas de comunicação audiovisuais, por um repertório de dados obtidos por imagens e sons, com formas de transmissão diferentes da que têm sido realizadas pelo professor que se comunica pela oralidade, lousa, giz, cadernos e livros, nas salas de aula (BITENCOURT 2023, p. 14).

O alerta da autora nos revela como a realidade dentro do espaço escolar está sempre em movimento e o uso de ferramentas digitais deixou de ser algo esporádico ou um método subjacente e passou a fazer parte do cotidiano da sala de aula. Bitencourt (2023) afirma também que, “para a maioria das propostas curriculares, o ensino de História visa contribuir para a formação de um ‘cidadão crítico’, para que o aluno adquira uma postura crítica em relação à sociedade em que vive”. Paradoxalmente, o que temos percebido nos sistemas de currículo é o reducionismo da ideia de uma formação crítica e do conceito freiriano de uma educação libertadora e humana, o que vem ditando os rumos da educação é o capital, a partir único e exclusivamente de uma linguagem neoliberal, através da lógica mercantil.



Dessa maneira, o referente trabalho encontra-se estruturado em três seções, onde a primeira destaca a importância de Componentes Curriculares obrigatórios como os Estágios Supervisionados, aliados a programas como o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e o PRP (Programa de Residência Pedagógica), na formação docente, elucidando reflexões a respeito do Ensino de História e o conceito de Professor Pesquisador. A seção dois, abordar o viés cultural como ferramenta de análise em relação ao impacto de redes reacionárias nas salas de aula. Enquanto a seção três, trata-se de como a professora observada reagiu em relação ao uso de canais extremistas como fonte de informação por alguns estudantes, e a utilização destas observações para o planejamento de regências de aulas e aplicação com os estudantes, apontando uma diferente proposta metodológica acerca da aula de História.

Por fim, compreende-se que o papel da práxis docente é indispensável em todo seu fazer ao tratarmos deste problema, pois, é por meio dela que podemos identificar o impacto causado pela extrema direita na formação de jovens, além disso, a cultura como ferramenta de análise, apresenta-se como instrumento imprescindível para compreender o fenômeno que se tornou o alcance de canais reacionários na internet. Pois, é através do viés cultural que podemos compreender e refletir acerca do impacto fascista causado na mentalidade dos adolescentes.

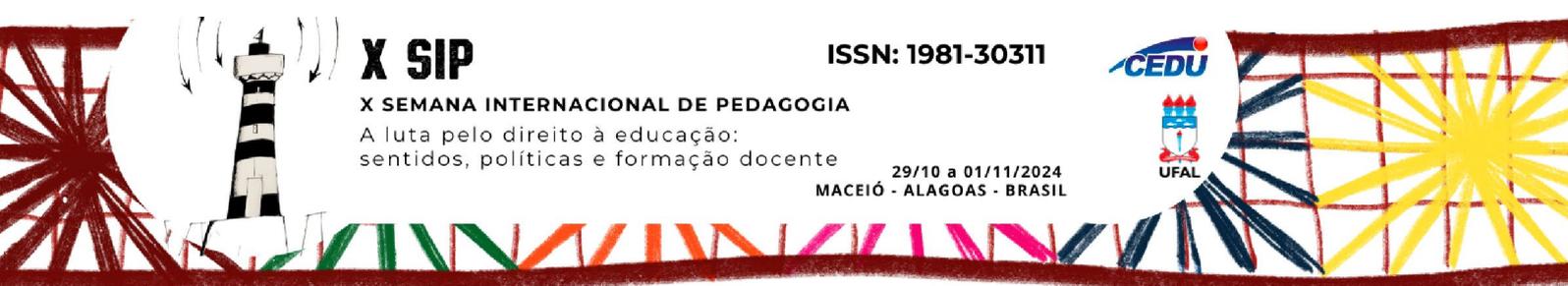
2 OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Enfatizar a problemática de canais de viés fascista na internet e como isto vem crescendo no ambiente escolar brasileiro, destacando como este problema está diretamente ligado ao aspecto cultural de nossa sociedade circunscrita em seu sistema capitalista.

Objetivos específicos:

- Analisar o avanço de grupos reacionário e de cunho fascista no âmbito educacional;



- Verificar a relação entre os discursos utilizados por canais de extrema direita na Internet e o debate realizado pelos estudantes em sala de aula;
- Planejar e aplicar uma aula que leve em conta uma metodologia contra hegemônica, através do que foi observado nas aulas.

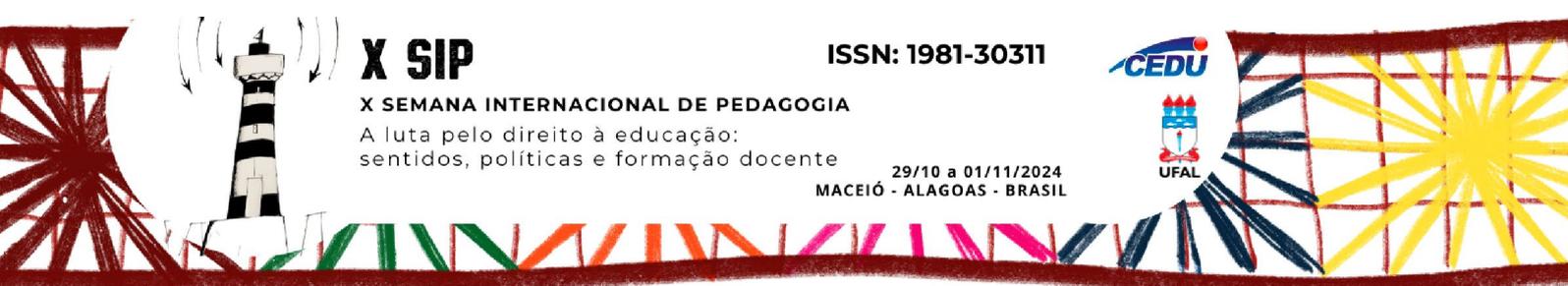
3 METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como intuito metodológico analisar os impactos gerados no ensino de história acerca do avanço da extrema direita no Brasil em relação aos alunos da educação básica. Assim, foram utilizadas fontes virtuais (imagens, vídeos, sites e canais relacionados a grupos de extrema direita) que apontam os impactos causados na Educação Básica do Brasil, em decorrência ao aumento de ideias negacionistas e que falseiam a história. Ademais, foi feito o uso do método de história oral para captação e análise das falas dos estudantes ao longo do processo. Junto a isto utilizou-se todas as principais bibliografias a respeito do tema para que se tenha um maior aporte teórico do objeto pesquisado.

Desta maneira, o uso da oralidade como caminho metodológico foi fundamental para este trabalho, pois, como bem nos aponta Portelli (1981),

A História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos – a menos que as diferenças entre elas sejam tão irreconciliáveis que talvez cheguem a rasgar todo o tecido. Em última análise, essa também é uma apresentação muito mais realista da sociedade, conforme a experimenta (PORTELLI, 1981, p. 16/17),

Neste sentido, as observações foram fundamentais na identificação de como estes canais estão adentrando as aulas, influenciando jovens que estão em processo de formação crítica, e como os professores estão percebendo e reagindo frente a esta problemática, pois, acredito “que tanto a história oral, entendida como um método de trabalho, assim como a memória, como objeto de estudo, podem auxiliar diversas áreas do conhecimento” (OJEDA, 2014, p. 2). Além disso, com o auxílio da denominada educação histórica produziu-se e aplicou regências que apontam por um caminho metodológico diferente do convencional e contra hegemônico através dos projetos temáticos. Desta forma, as reflexões de Bezerra (2021) nos ajudam a pensar metodologias ativas ao analisar que:



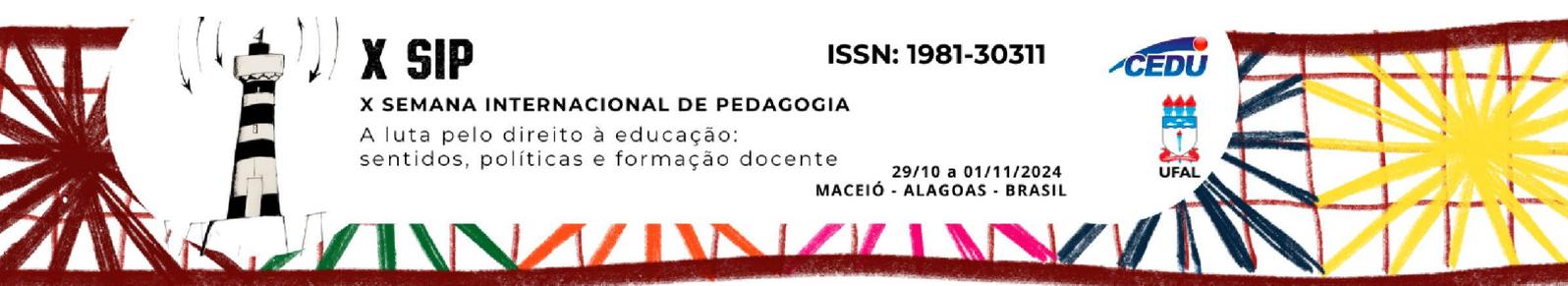
Um projeto temático ou um plano de aula se constituem pelo reconhecimento de caminhos já conhecidos, mas, também pela construção de novos caminhos dado aos desafios que a educação e a sociedade enfrentam com as transformações do mundo atual pautado pelas tecnologias e o avanço do capital em larga escala. (BEZERRA, 2021, p. 57)

Junto a isto o uso do conceito de professor pesquisador foi essencial durante o percurso da pesquisa, pois, “um projeto de formação docente que toma por base a pesquisa busca que os futuros professores experimentem o lugar de participantes de um saber que se constrói e reconstrói a todo o instante e compreendam a complexidade do seu campo de trabalho” (AZEVEDO, 2017, p. 36), desta maneira, é por meio deste processo de estudo, análise e diálogos entre teoria e prática que se pode chegar em resultados de elevada importância para o desenvolvimento do ensino em perspectiva de uma educação libertadora, para usar uma expressão freiriana.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo das aulas, observou-se o impacto causado por canais como Brasil Paralelo e o movimento do Escola Sem Partido nas falas dos estudantes. Frases como: “Se não trabalha é porque não quer e é vagabundo”, “O Brasil não presta porque não libera as armas” e “Político bom era o Enéias”, foram explanadas pelos discentes. Junto a isto, visualizou-se certo receio por parte da docente supervisora em confrontar tais ideias. Contudo, precisamos ressaltar o fato de que muitas vezes, alguns professores não sabem de onde estes discursos vem e grande parte não foi preparada para lidar com essas situações em sala de aula. Na maioria das vezes são informações reproduzidas pelos estudantes tão somente daquilo que eles ouvem e veem na tela dos equipamentos (computadores ou seus smartphones). Além disso, cabe ressaltar que o intuito deste trabalho, não é culpabilizar os estudantes e muito menos os docentes, pelo contrário, a intenção é apontar para os aspectos materiais e culturais que dão suporte para que portais e canais online que propagam ideias reacionárias e notícias falsas tenham grande penetração no imaginário de jovens que estão em processo de formação intelectual.

O período que corresponde as regências de aulas diz respeito a dez encontros com a turma observada. Neste contexto, foram ministradas dez aulas de história no período de cinco semanas, pois, constituíram duas aulas de história por semana,

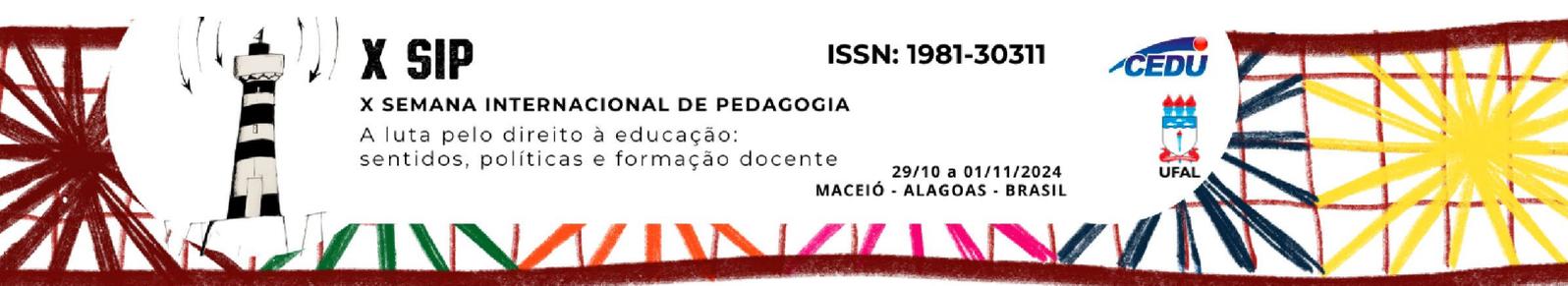


totalizando dez encontros divididos em seis aulas de Guerra Fria e quatro aulas de Ditadura Civil Militar. A primeira temática das aulas de regência foi Guerra Fria, e para este período decidiu-se trabalhar com o que chamamos de uma História Contra Hegemônica. Desta maneira, optou-se por abordar a guerra fria através dos confrontos no terceiro mundo como a guerra na Ásia e na África. Para isso utilizamos de fontes como fotografias e textos como “A Revolução Coreana: o desconhecido socialismo Zuche” de Paulo G. Fagundes Visentini (2015). Já no que diz respeito ao continente africano foi utilizado da perspectiva Pan-africana com obras como as músicas “Zimbabwe” e “Africa Unite” presentes nos álbuns “Zombie” de Fela Kuti (1976) e “Survival” de Bob Marley (1979), além de intelectuais Pan-africanos.

Outrossim, utilizamos dos golpes estadunidenses na América Latina para falarmos sobre o imperialismo norte americano do período e o golpe militar no Brasil. Para isto usamos o clipe do artista porto-riquenho Residente “This Is Not America” (Isso não é a América) e um trecho do livro “As veias abertas da América Latina” de Eduardo Galeano (2021). Ademais, foi utilizado também um objeto pedagógico, em outras palavras, um jogo criado a partir do que foi observado e com o intuito de levantar o debate sobre a ditadura brasileira. Desta maneira, a turma foi dividida em duas equipes, com isso as equipes receberam as imagens referentes a figuras da resistência no período militar brasileiro (6 imagens para cada equipe) e suas pequenas descrições de forma embaralhadas. Feito isto, os integrantes das equipes tiveram um tempo para associar a descrição com a imagem que jugassem correspondente ao anterior e apresentassem as combinações que fizeram e o porquê das escolhas referidas. Cabe ressaltar, que a participação dos estudantes foi bastante positiva e serviu para que os mesmos tivessem acesso a uma metodologia diferente das aulas convencionais, o retorno da turma trabalhada foi considerável, fazendo com que alunos que antes não participavam das aulas, agora se sentissem estimulados a se comunicarem e debaterem em relação ao que estava sendo discutido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aspectos culturais presentes na contemporaneidade têm seus resquícios na história e a partir dela é que podemos reconhecer como o imaginário fascista ganhou



força no Brasil e como este discurso vem ganhando aderência em meio aos jovens do século XXI. O papel da práxis docente é indispensável em todo seu fazer ao tratarmos deste problema, pois, é por meio dela que podemos identificar o impacto causado pela extrema direita e buscar reduzir os seus danos, dentro dos nossos limites enquanto professores. Uma formação histórica crítica é uma das maiores armas que os docentes possuem na busca por uma educação realmente libertadora, como apontada por Freire (1996), somente a partir dela é que podemos formar uma geração de professores de história capacitados a lidarem com as questões de seu tempo e de outros tempos em sala de aula, construindo, assim, uma formação pautada na reflexão, pesquisa e ação; em outras palavras, na busca da construção de uma práxis enquanto educador.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. Ensino e pesquisa na formação docente inicial. In: **Docência em história: experiências de estágio supervisionado e formação do professor-pesquisador**. Natal: EDUFRN, 2017. ISBN 978-85-425-0682-2.

BEZERRA, Antonio Alves. Ensino de História e Linguagem: “A primeira missa no Brasil” de Victor Meirelles e “A primeira missa no Brasil” de Cândido Portinari – Diferenças e Semelhanças. In: GONÇALVES, Nadiá; PINTO, Helena; ZARBATO, Jaqueline A. P. **Caminhos da Aprendizagem Histórica: História e educação patrimonial, debates e reflexões**. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UFMS, 2021.

BITENCOURT, Circe. **O Saber Histórico na Sala de Aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004. 176 p. ISBN 978-8572440714.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Terra e Paz. 1996. 148 p. ISBN 85-219-0243-3.

OJEDA, Caroline Martins. Memória e História Oral na Contemporaneidade e seus usos para a História do Tempo Presente. **Aedos**, [s. l.], v. 6, n. 15, 2014. p. 1-16.

PENNA, Fernando de Araujo. O discurso reacionário de defesa do projeto “Escola sem Partido”: analisando o caráter antipolítico e antidemocrático. Quaestio: **Revista de estudos em educação**, Sorocaba-SP, v. 20, n. 3, p. 567-581, 2018. DOI <https://doi.org/10.22483/2177-5796.2018v20n3p567-581>. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3240>. Acesso em: 11 mar. 2023.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História: Revista do Programa de estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica e São Paulo)**. São Paulo, n. 15, 1997. p. 13-49.